Giorgio Bassani

Óculos de ouro

Tradução de Karina Jannini
Apresentação de Silvia La Regina
Ilustrações de Marco Giannotti

Berlendis & Vertecchia Editores

Bassani: a elegia da diversidade

Silvia La Regina

Há escritores que atravessam e expressam numerosas e variadas temáticas ao longo de suas carreiras – pensando na literatura italiana, Italo Calvino, por exemplo, autor extremamente versátil e de grande coerência; outros, num registro aparentemente diferenciado, elegeram um tema único para suas obras: no caso da segunda fase da carreira de Alberto Moravia, o sexo e a relação homem-mulher; outros, enfim, fixaram desde cedo seu foco temático, e a ele permaneceram fiéis, sem por isso incorrer na monotonia ou na repetição. Esse é o caso de Giorgio Bassani (Bolonha, 1916 – Roma, 2000), que escolheu como tema para sua narração o mundo judaico da cidade de Ferrara durante o fascismo (1922-1943), e, de forma ainda mais específica, da época em que foram promulgadas as "leis raciais" (1938). Como numa ampliação fotográfica – alguns falaram de círculos concêntricos – a descrição e a ficcionalização de sua cidade na terrível e cruel época que antecedeu à Segunda Guerra Mundial concentra-se cada vez mais nos detalhes com precisão e nitidez, sem perder a visão e a noção do conjunto. Há algo cinematográfico no estilo de Bassani, na alternância de primeiros planos e grandes cenas coletivas, *flashbacks*, descrições pontuais de lugares que também se tornam personagens.

Assim, como tema central de Bassani constitui-se a diversidade; antes de tudo, evidentemente, aquela constituída pela

identidade judaica, no momento da discriminação e da violência, mas universalizada enquanto símbolo ético da dor existencial, da exclusão e da marginalização.

Para ajudar a contextualizar historicamente Bassani e sua obra, lembremos que na Itália da época, de uma forma geral, não havia sentimentos anti-semitas, e inicialmente o fascismo tivera relações amigáveis com o judaísmo, como pode ser comprovado por alguns trechos de *Óculos de ouro*; lá onde, por exemplo, o jovem protagonista e narrador judeu relata a participação do pai no movimento fascista desde "a primeira hora" (cap. 9). Na verdade a adoção de uma política racista com relação às colônias italianas na África, em 1936, favoreceu a sucessiva difusão do anti-semitismo e a introdução da legislação anti-judaica; o verdadeiro movimento anti-semita começou a surgir em 1937 e as primeiras leis raciais foram promulgadas em 1938, contemporaneamente à publicação, e enorme difusão pelo governo fascista, da revista *La difesa della razza* (A defesa da raça). Com as citadas "leis raciais", a ditadura de Mussolini, já em plena decadência e em completo delírio de pretensa "romanidade" – no sentido de volta aos valores e sobretudo aos faustos do império romano – procurou adequar-se e conformar-se às diretrizes anti-semitas da Alemanha nazista (promulgadas em 1935 com as leis de Nuremberg) com a qual Mussolini constituíra em 1936 o eixo Roma-Berlim, aliança ratificada e sancionada em 1939. Sintetizando as várias leis, os judeus italianos foram excluídos do ensino, foi-lhes proibido freqüentar o ensino secundário público, foram vetados os casamentos inter-raciais, foi proibido que os judeus servissem o exército e ocupassem cargos públicos e administrativos, foram limitados seus direitos no âmbito da propriedade imobiliária, na gestão de empresas e

no exercício das profissões liberais. As deportações em massa para os campos de concentração nazistas e os massacres de judeus começaram em 1943. Famílias inteiras foram dizimadas e sumiram sem deixar rastros, abrindo novas feridas insanáveis numa nação destruída pela ditadura e pela guerra, naquela altura já combatida em solo italiano.

Giorgio Bassani, nascido numa família judia alto-burguesa de Ferrara, formou-se em Letras em Bolonha, como muitos dos protagonistas/narradores de seus livros; teve uma ativa participação no movimento antifascista, pela qual foi preso em 1943, sendo libertado alguns meses depois, após a queda do fascismo. Quando, terminada a guerra, mudou-se para Roma, era de alguma forma um sobrevivente, não só da guerra como também das perseguições e deportações que dizimaram sua família, seus amigos e colegas. Em Roma, trabalhou na imprensa e na editoria; descobriu e publicou em 1958, pela editora Feltrinelli, *O gattopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, que Elio Vittorini, consultor editorial da Einaudi, recusara. Foi autor de romances de sucesso, que ganharam prêmios literários importantes (o Strega, o Campiello, o Viareggio, entre outros), e também poeta, ensaísta, importante ator do debate cultural e político de várias décadas. Em geral bem aceito pela crítica, na década de 1960 foi porém centro de uma polêmica envolvendo o movimento literário de vanguarda denominado *Gruppo 63*, ao qual pertenciam, entre outros, Umberto Eco e Edoardo Sanguineti: os integrantes do grupo, jovens comprometidos politicamente com a esquerda e a favor de uma literatura que espelhasse ao mesmo tempo a alienação contemporânea, principalmente da classe operária, e os avanços tecnológicos, rejeitavam a obra de Bassani, que consideravam fácil e sentimental.

O primeiro livro de Bassani, *Una città di pianura* (1940), foi publicado sob pseudônimo por causa das leis raciais, e já fixa o olhar do narrador sobre a cidade de Ferrara em 1938; posteriormente, Bassani publicou, além de poemas, o volume *Cinque storie ferraresi* (1956), escrito entre 1948 e 1955. Nesses cinco contos longos, independentes mas interligados, reescritos várias vezes – como em geral todas as obras de Bassani – o autor aprofunda o estudo e o relato de sua cidade na época imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, e descreve delitos perpetrados durante o fascismo, a hipócrita falta de memória da sociedade, perseguições políticas e principalmente raciais, a luta dos opositores do regime, a história dos vencidos, misturando acontecimentos privados e públicos, assim como o sentimento coletivo e o estado de espírito pessoal. A transposição de fatos verídicos relidos pela memória pessoal e recriados através da literatura resulta num afresco de grandes dimensões e de extrema precisão de detalhes, representando um determinado momento histórico, e, ao mesmo tempo, uma instância universal; o próprio narrador parece, às vezes, incerto quanto ao distanciamento de sua matéria, se relatá-la, como cronista, através da lente do realismo ou fazer da história um mito, a visão da condição humana, de terrível e implacável solidão e de inexorável incomunicabilidade.

O romance mais conhecido de Bassani, *Il giardino dei Finzi-Contini* (1962), escrito em primeira pessoa, conta a história de uma rica e aristocrática família judia de Ferrara, os Finzi-Contini, destinada à deportação para a Alemanha. A família vive isolada de todos, até dos outros judeus, como se seu palácio e o grande jardim, cercado por um alto muro, fossem metáfora da sua abstração do mundo e, da mesma forma, da de muitos outros judeus da época, isolados e inconscientes, obtusos perante a tragédia iminente. Aparentemente a nar-

ração é centrada no amor do narrador pela jovem Micol Finzi-Contini, mas o verdadeiro protagonista é, como muitas vezes ocorre em Bassani, o pano de fundo social e histórico; no relato do narrador, *alter ego* de Bassani, juntam-se a memória pessoal e a memória coletiva, os pequenos detalhes quase imperceptíveis e os grandes acontecimentos históricos. Micol é a personagem mais bem-acabada, enigmática e inquieta, cheia de vitalidade e ao mesmo tempo destinada à morte precoce; lembramos da Capitu de *Dom Casmurro* quando o narrador chega a descobrir, ou melhor, a suspeitar, que Micol o traiu com um colega – quase vinte anos depois da deportação de Micol, o narrador ainda duvida do que ocorreu, talvez ele também, como os Finzi-Contini, cego diante da realidade.

Em 1970, Vittorio de Sica realizou o filme homônimo, que teve notável sucesso de público e ganhou o Oscar como melhor filme estrangeiro; Bassani participou da elaboração do roteiro, mas acabou desentendendo-se com De Sica, por descordar de algumas escolhas do diretor. O filme, de grande elegância formal, capta com sensibilidade o clima da época e a inexorável obtusidade com a qual os personagens caminham na direção do trágico desfecho.

Devem ainda ser citados os romances *Dietro la porta* (1964), a história da dolorosa passagem para a maturidade de um adolescente judeu e de sua relação com a hostilidade da sociedade – aqui simbolizada pelo meio escolar – e da terrível decepção causada pela traição daquele que ele considerava seu melhor amigo; *L'airone* (1968), em que o autor descreve a desilusão causada pela derrota das esperanças surgidas depois da guerra e a sensação de impotência e de solidão do protagonista, que, vendo a morte como única fonte de libertação, suicida-se.

Em 1973, Bassani reformulou e juntou algumas de suas obras – *Dentro le mura*, *Óculos de ouro*, *Il giardino dei Finzi-Contini*, *Dietro la porta*, *L'airone*, os contos de *L'odore del fieno* – em *Il romanzo di Ferrara*, espécie de pequena *Comédie humaine* pessoal com a qual ele de certa forma sela e conclui o relato de Ferrara.

Em 1958, Bassani publicou *Óculos de ouro*. Nesse breve romance, que abarca os anos entre 1919 e 1937 (concretamente, porém, a ação desenvolve-se entre 1936 e 1937: às vésperas das leis raciais) o autor relata o drama da solidão, absoluta por causa da hostilidade geral, e encontra sua fundamental intuição, instaurando o paralelismo, a correspondência entre o protagonista judeu e o médico homossexual justamente por serem fora da norma, rejeitados, e por isso, incomunicáveis, fechados em seu destino. Fadigati, o tímido médico homossexual, parece aceitar sua exclusão como se lhe fosse devida, numa passividade paciente e dolorosa, que leva ao trágico desfecho; já o jovem protagonista, cercado pela ambigüidade dos amigos de outrora e pela incapacidade de sua família de antever a tragédia iminente, apesar de constantemente anunciada, sente reviver dentro de si, "com indizível repugnância, o antigo ódio atávico do judeu" pelos não judeus, os *goim*: "que vergonha, que humilhação, que repugnância exprimir-me assim!" (cap. 14), como se o mal absoluto, levado e instituído pelo nazi-fascismo, contaminasse de si cada coisa e pessoa, sem perdão nem esperança, nem mesmo moral, para ninguém. O romance é narrado em primeira pessoa, como *Il giardino dei Finzi-Contini* (família que é citada em *Óculos de ouro*, numa antecipação do romance sucessivo), e apresenta numerosos elementos autobiográficos; nele expressa-se também a melancolia pelo fim de uma sociedade e, de certa forma, de uma ilusão, a sensação da catástrofe, a

hipocrisia dominante no regime fascista: mas sua força reside no retrato da fraqueza indefesa de Fadigati, da discriminação – lembrada com vergonha pelo narrador – da qual ele é objeto, da crueldade indistinta e obtusa de todos, com a qual o médico se conforma, numa mistura de culpa e complexo de inferioridade, como se ele fosse menos humano; veja-se seu diálogo com o jovem narrador, no qual Fadigati diz: "Caro amigo, se ser aquilo que é faz do senhor tanto mais humano (do contrário, não estaria aqui, em minha companhia!), por que recusa, por que se rebela? O meu caso é diferente, exatamente o oposto do seu" (cap. 15).

De fato, a revelação para o narrador, que não a explicita, é justamente a correspondência citada: quase um *transfert*, que se concretiza quando o jovem vai ao cinema e senta lá onde sentava o doutor, nos lugares de preço popular, não só para procurá-lo – tendo um obscuro pressentimento no qual há uma parte de culpa – mas também como para experimentar aquilo que Fadigati sentia, tentar ser o doutor para melhor entendê-lo.

Também a partir deste romance de Bassani foi realizado um filme, de mesmo título, com direção de Giuliano Montalto, em 1987: o filme porém permaneceu na superfície da obra, sem conseguir aprofundá-la com a devida delicadeza.

Apesar de *Il giardino dei Finzi-Contini* ser considerada a obra prima de Bassani, *Óculos de ouro* talvez lhe seja superior, justamente pela sua capacidade literariamente tão bem acabada de ampliar e universalizar o foco sem abandoná-lo: a partir do restrito contexto local, descrever a dor do ser humano e sua imensa solidão diante do mal.